

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR
MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
FUNDAÇÃO OSESP, DELOITTE E J.P. MORGAN APRESENTAM

o s e s p

Temporada 2026

Revista

Uirapuru

22, 23 e 24 de outubro

2026

São Paulo

Ano 1 – nº 51



O concerto desta noite, além de expandir o retrato sinfônico de Felix Mendelssohn elaborado ao longo da Temporada 2026, inclui o “Prelúdio” da ópera *O Garatuja* e a estreia mundial de *Alturas — Concerto latino-americano para violão e orquestra*. Coencomenda da Osesp e da Orquestra Sinfônica de Castilla y León, e escrito especialmente para o solista Rafael Aguirre, o concerto de Daniel Freiberg evidencia o colorido sinfônico que surge da junção entre orquestra e violão:

“Minha música nasce do encontro entre diferentes universos que fazem parte da minha vida desde sempre: a tradição clássica, o jazz, o rock e as músicas populares e folclóricas da América Latina. Em *Alturas*, essas influências não aparecem como elementos separados, mas integrados como parte de uma mesma linguagem musical, na qual a composição, a improvisação, o ritmo e a riqueza tímbrica da orquestra convivem naturalmente. [...] A música latino-americana está presente na obra não apenas por meio de seus polirritmos e referências culturais, mas também por uma maneira particular de sentir o tempo, o movimento e a expressão. O título *Alturas* evoca uma ideia de elevação, de amplitude e de paisagens que se abrem diante de nós. Gostaria que o público pudesse embarcar nessa viagem sonora, reconhecendo talvez algumas raízes familiares, mas também descobrindo paisagens e cores inesperadas. Acima de tudo, espero que a música desperte emoções, curiosidade e o desejo de continuar ouvindo, levando consigo algo dessa experiência depois que a última nota desaparecer.”



O compositor Daniel Freiberg.

22 de outubro quinta-feira 20h	23 de outubro sexta-feira 20h	24 de outubro sábado 16h30  Transmissão ao vivo
---	--	--

Sala São Paulo	Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp Thierry Fischer regente Rafael Aguirre violão
-----------------------	---

FELIX MENDEL-SSOHN-BARTHOLDY 1809–1847	<i>As Hébridas, Op. 26 — A gruta de Fingal</i> 1830 10 minutos
---	--

ALBERTO NEPOMUCENO 1864–1920	<i>O Garatuja: Prelúdio</i> 1904 10 minutos
---------------------------------	---

DANIEL FREIBERG 1957	<i>Alturas — Concerto latino-americano para violão e orquestra</i> [Estreia Mundial Coencomenda Osesp e Sinfônica de Castilla y León] 2025 1. Llanera — Horizontes infinitos 2. La cumbre — Vientos de altura [O cume — Ventos em altitude] 3. Confluence — Distinct voices meeting and flowing as one [Confluência — Vozes distintas se encontrando e fluindo como uma só] 24 minutos
-------------------------	---

Intervalo de 20 minutos

FELIX MENDEL-SSOHN-BARTHOLDY 1809–1847	<i>Sinfonia n.º 3 em Lá menor, Op. 56 — Escocesa</i> 1842 1. Andante con moto. Allegro un poco agitato. Assai animato. Andante come prima (attacca) 2. Vivace non troppo (attacca) 3. Adagio (attacca) 4. Allegro vivacissimo. Allegro maestoso assai 40 minutos
---	---

FELIX MENDELSSOHN- -BARTHOLDY

Alemanha, 1809–1847

As Hébridas, Op. 26 — A gruta de Fingal
1830

Instrumentação

2 flautas
2 oboés
2 clarinetes
2 fagotes
2 trompas
2 trompetes
tímpanos
cordas

O arquipélago das Hébridas ocupa um lugar de destaque no imaginário romântico, tanto por seu vínculo com as lendas do folclore celta quanto por suas paisagens sublimes. Situado na costa oeste da Escócia, ele é composto por formações vulcânicas que despontam abruptamente de um mar escuro e enevoadado, criando visões a um só tempo fascinantes e ameaçadoras, monumentais e enigmáticas. Durante uma viagem pela região, realizada em agosto de 1829, Mendelssohn escreveu à irmã, a compositora Fanny Mendelssohn: “Para que você se dê conta do quão extraordinariamente as Hébridas me afetaram, veja só o que me veio à mente por lá”. Logo abaixo, anotou na própria carta os compassos iniciais daquela que viria a ser uma de suas obras mais conhecidas.

Apesar de terem surgido nesse arroubo de inspiração, as ideias musicais da abertura *As Hébridas* só chegaram à sua versão definitiva três anos mais tarde. Em janeiro de 1832, o compositor ainda estava às voltas com a seção de desenvolvimento, que estaria “impregnada de muito contraponto e de um pouco de óleo de baleia”, conforme escreveu em outra carta. O comentário evidencia que seu principal desafio consistia em extrair dessas ideias um discurso musical articulado, sem pôr a perder sua força evocativa original. Podemos ver com clareza essa confluência entre a lógica construtiva e a expressividade no tratamento dado ao tema apresentado no início da obra. Tudo o que escutamos deriva dessa melodia por meio de processos de variação e desenvolvimento, e é precisamente essa façanha do artesanato composicional que faz com que a música se transforme em uma única paisagem marítima, com águas ora tranquilas, ora revoltas. A primeira versão da obra com o título *As Hébridas* foi terminada em Roma no dia 16 de dezembro de 1830, que, coincidentemente, é o único dia no ano em que a incidência de luz solar alcança a angulação necessária para a completa iluminação das grutas presentes no arquipélago.



A dramaticidade do cenário e o impacto causado em Mendelssohn ao se deparar com as ilhas podem ser observados através da pintura de William Turner, *Staffa, a gruta de Fingal* [1831-1832], com denso contraste devido à oscilação de luz, em uma paisagem dramática e melancólica.

A orquestração reforça a atmosfera solene e melancólica da abertura. Valendo-se de nuances de colorido e dinâmica, Mendelssohn consegue criar ilusões de perspectiva e jogos de luz e sombra impressionantes, mesmo trabalhando com a paleta contida da orquestra clássica. Esse interesse por efeitos de natureza visual encontra paralelo nos diversos desenhos e aquarelas produzidos pelo compositor durante sua passagem pela Escócia.

Paulo Sampaio

Doutorando em música e mestre em filosofia pela Universidade de São Paulo. Em 2024, se formou no curso livre de Redação e Crítica Musical da Academia de Música da Osesp.

ALBERTO NEPOMUCENO

Brasil, 1864–1920

O Garatuja: Prelúdio

1904

Instrumentação

piccolo
3 flautas
2 oboés
2 clarinetes
2 fagotes
4 trompas
3 trompetes
3 trombones
tuba
tímpanos
percussão
harpa
cordas

No início do século XX, o compositor Richard Strauss [1864–1949] esteve duas vezes no Rio de Janeiro. No concerto que regeu no dia 23 de setembro de 1920 no Theatro Municipal, consta, entre obras de Beethoven [1770–1827] e suas, o “Prelúdio” de *O Garatuja*, de Alberto Nepomuceno. Dadas as tensões que cercaram a recepção da obra, anos antes, há uma saborosa ironia na presença de Nepomuceno ao lado de Beethoven num programa regido por talvez a principal figura da música alemã da época. Afinal, quando a obra estreou, o respeitado crítico Oscar Guanabara [1851–1937] esbravejou no jornal *O Paiz*, em 30 de outubro de 1904: “Quando a arte musical produz a gargalhada, o belo transforma-se em ridículo, e o resultado da partitura do sr. Alberto Nepomuceno foi esse — o público riu-se com aqueles lundus requebrados, [...] aparecendo também a chula, que os palhaços dançam nos circos de feira, dando a toda a compilação o tom chulo, baixo, ordinário que por associação de ideias se liga à música cujos fins devem ser mais elevados.”

Na virada do século XIX para o XX, Nepomuceno foi figura central da vida musical do Rio de Janeiro, onde manteve uma intensa atividade como professor, regente, compositor e diretor do Instituto Nacional de Música. Uma das marcas de sua trajetória foi sua preocupação em forjar uma música de concerto brasileira, com a composição de obras que dialogassem com a musicalidade popular. Se isso lhe rendeu, no caso de *O Garatuja*, a censura rigorosa de Guanabara, foi justamente essa obra que levou outro crítico a atribuir-lhe o título de “fundador da música brasileira”.

O Garatuja teria sido uma comédia lírica em três atos baseada na obra de José de Alencar, mas Nepomuceno só compôs o “Prelúdio” que ouvimos neste programa. A vivacidade rítmica da peça, buliçosa como o lundu condenado pelo crítico, não eclipsa a qualidade do compositor *de métier* e habilidoso orquestrador. A obra, entre outros méritos, fica como registro da construção dessas pontes entre a música de concerto e as músicas das ruas nesse Brasil de tão recente república e abolição da escravidão.

Mônica Vermes

Musicóloga, pesquisadora e professora titular da Universidade Federal do Espírito Santo.

Alturas — Concerto latino-americano para violão e orquestra [Estreia Mundial]

2025

Instrumentação

piccolo
2 flautas
2 oboés
2 clarinetes
2 fagotes
4 trompas
2 trompetes
3 trombones
tímpanos
percussão
piano
harpa
cordas
violão

Alturas, para violão e orquestra, do premiado compositor, arranjador, pianista e produtor musical Daniel Freiberg, é expressão de seu trânsito entre os mundos da música de concerto, do jazz, do tango, das músicas tradicionais latino-americanas, da música brasileira, do rock e da música para cinema. Esse entre-lugar não é estranho ao violão, solista do concerto, em sua trajetória na música brasileira e latino-americana.

O violão, como o conhecemos hoje, é um instrumento relativamente recente, da segunda metade do século XIX. Na América Latina, é onipresente, associado a ritmos e danças tradicionais de vários países. A despeito de sua imensa popularidade, e talvez por causa dela, foi um instrumento que só conquistou uma posição mais prestigiosa no âmbito da música de concerto no século XX. Esse prestígio foi assegurado pela ação de vários compositores e intérpretes, entre os quais se destaca Heitor Villa-Lobos [1887–1959], que, como Freiberg, soube transitar entre vários registros musicais para construir uma sonoridade única.

Freiberg começou seus estudos de música em sua Buenos Aires natal. Enquanto estudava piano clássico, ainda muito jovem, foi impactado pelo jazz, que se tornou uma via central de sua trajetória musical. Em Nova York, para onde se transferiu aos 21 anos, estudou composição, orquestração, piano e música contemporânea na Juilliard School, além de jazz, música para cinema e piano jazz com músicos notáveis da cena jazzística. Freiberg manteve uma parceria com o saxofonista Paquito D'Rivera, com viagens em turnê pelos Estados Unidos e pela Europa. Seus arranjos de jazz já foram tocados e gravados por músicos como Stéphane Grappelli e conjuntos como a Dizzy Gillespie All-Star Big Band, com participação de Paquito D'Rivera, e a big band Jazz at Lincoln Center Orchestra, dirigida por Wynton Marsalis. Suas obras vêm sendo apresentadas na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina por orquestras como as das Rádios de Colônia e Munique, a Filarmônica da Espanha, a Orquestra da Filadélfia e as sinfônicas Nacional do México e de Buenos Aires, além da Brasil Jazz Sinfônica. É compositor de trilhas musicais tanto para produções da HBO, da Netflix, do National Geographic e do Discovery Channel quanto de filmes independentes, e já conquistou dois Grammys Latinos, além de três indicações, as mais recentes por Melhor Obra/Composição Clássica Contemporânea e Melhor Arranjo por *Sueño austral*.

Temos já uma tradição estabelecida de concertos para violão com obras de compositores que vão de Mauro Giuliani [1781–1829] a Leo Brouwer [1939]. Dada a relativamente pequena projeção da sonoridade do violão, tradicionalmente as orquestrações dos concertos para o instrumento mobilizam uma orquestra de cordas ou outra formação mais camerística, e, no caso de uma formação maior, o orquestrador emprega especial cuidado para assegurar a audibilidade do solista, uma vez que praticamente todos os concertos foram concebidos para violão sem amplificação. Uma notável exceção é o *Concerto carioca nº 1* [1950] para “violão elétrico” e orquestra, de Radamés Gnattali [1906–1988], outro compositor afeito ao atravessamento de fronteiras. O concerto de Freiberg demanda violão amplificado, uma orquestra completa e três agrupamentos de percussão, além de piano e harpa. O primeiro grupo reúne instrumentos habituais da orquestra; o segundo grupo inclui alguns instrumentos mais característicos de músicas tradicionais, como pau de chuva, chocalho, pandeiro e o *bombo legüero*, um tambor tradicional argentino; o terceiro é uma bateria, típica da formação do jazz.

O primeiro movimento, “Llanera”, remete às planícies e conta com a intervenção do *bombo legüero*, a quem cabe conduzir a base rítmica da tradicional e animada chacarera, e que, com o rasqueado característico do violão, explora a ambiguidade na divisão rítmica dessa dança entre apoios de dois e de três. O segundo movimento, “La cumbre”, refere-se ao ponto mais alto da montanha. Aqui o ritmo ternário lento evoca uma vidala, lamento típico da região andina, ligada a ritos sagrados e festas comunitárias da região. Se os títulos dos dois primeiros movimentos evocam espaços de altitudes extremas, o terceiro é o lugar de conciliação, “Confluence”. O movimento começa com um diálogo do violão com o violino, num contraponto que se amplia a outros naipes e que ganha um enraizamento com a intervenção das cordas graves com uma figura rítmica incisiva, uma clave — isto é, um padrão rítmico — familiar a tantos gêneros musicais do continente.

Mónica Vermes

FELIX MENDELSSOHN- BARTHOLDY

Alemanha, 1809–1847

Sinfonia n.º 3 em Lá menor, Op. 56 — Escocesa
1842

Instrumentação

2 flautas
2 oboés
2 clarinetes
2 fagotes
4 trompas
2 trompetes
tímpanos
cordas

Em julho de 1829, Mendelssohn partiu para uma longa viagem pela Escócia em busca de inspiração para uma nova sinfonia. Um dos motivos da empreitada era seu entusiasmo pelos romances históricos de Walter Scott, que haviam popularizado uma visão heroica dos povos escoceses e de seu passado. Outro motivo era sua curiosidade em relação à música tradicional da região. Poucos meses antes da partida, escreveu a um amigo: “Vou à Escócia com um ancinho para colher melodias populares, um ouvido atento aos belos campos perfumados e um coração aberto para as pernas desnudas dos nativos”. A menção bem-humorada às pernas refere-se aos famosos kilts escoceses e mostra que Mendelssohn ansiava pelo exotismo em todas as suas formas, das músicas e paisagens locais aos trajes típicos.

A realidade, contudo, ficou aquém de sua imaginação. Mendelssohn chegou a visitar Scott, mas o encontro se limitou a uma conversa superficial. Algumas semanas depois, seu apreço pelas tradições musicais escocesas esmoreceu. “Para o diabo com o folclore”, escreveu. “Em toda estalagem que se preze há um tocador de harpa que derrama sem parar as assim chamadas melodias folclóricas! Gaitas de fole, trompas alpinas, harpas galesas, todas formando um só coro com variações horivelmente improvisadas...”.

Somente as paisagens escocesas entregaram o que prometiam. Para além das Hébridas, que inspiraram a abertura sinfônica de mesmo nome, a visão mais marcante da viagem foram as ruínas do Palácio de Holyrood, em Edimburgo, local que serviu de morada à rainha Maria Stuart [1542–1587] nos anos conturbados que se seguiram à adesão do Reino da Escócia ao Protestantismo. Uma das figuras mais poderosas daquela corte era um pequeno músico corcunda de origem italiana chamado David Rizzio [c. 1533–1566]. Contratado inicialmente como cantor, Rizzio logo se tornou secretário da rainha e um de seus principais conselheiros — e, a crer nos rumores, também seu amante. A proximidade entre esse estrangeiro católico e Maria contrariava setores da nobreza, que acabaram por se aliar ao seu marido, lorde Darnley, em uma conspiração contra o cantor. O episódio terminou de maneira grotesca, com Rizzio sendo esfaqueado mais de 50 vezes diante dos olhos da rainha.



O assassinato de David Rizzio [1833], por Sir William Allan. Na pintura, a rainha Mary Stuart tenta intervir a favor de Rizzio, e seu marido, lorde Darnley, participa ativamente da conspiração.

Essa história já era parte do imaginário romântico quando Mendelssohn foi ao palácio, graças a uma longa tradição de representações literárias e pictóricas. Uma carta enviada pelo compositor à família evidencia o fascínio exercido pela tragédia novelesca: “Ao entardecer, fomos levados ao palácio onde a rainha Maria viveu e amou. Ali, mostraram-nos um pequeno aposento ao qual conduz uma escada em espiral que chega até a porta — foi por esse caminho que eles entraram, encontraram Rizzio e arrastaram-no para fora. Três aposentos adiante está o canto escuro onde o assassinaram. A capela, bem próxima dali, está agora sem teto e foi tomada pela vegetação. Tudo ao redor está em ruínas, e o céu luminoso brilha por entre as rachaduras. Creio ter encontrado hoje, naquela velha capela, o início da minha *Sinfonia escocesa*”. No mesmo dia, o compositor escreveu os primeiros compassos da introdução lenta do primeiro movimento.

Alguns meses depois de seu retorno, Mendelssohn fez uma segunda viagem, desta vez para a Itália. As novas vivências inspiraram sua *Sinfonia nº 4 — Italiana* [1833], mas interromperam o progresso da *Sinfonia escocesa*. Seus esboços seriam retomados seriamente apenas em 1841. Ainda assim, não há dúvidas de que a partitura concluída no ano seguinte é a mesma que havia sido iniciada em 1829, pois são as ideias musicais surgidas no Palácio de Holyrood que conferem unidade à sinfonia. Desdobrando-as em novos temas e retomando-os logo antes da coda triunfal do *finale*, o compositor cria conexões musicais que perpassam toda a obra. Essa integração de motivos e ideias é realçada pelo fato de seus quatro movimentos serem executados sem interrupção — é o que indica a expressão *attacca*, anotada ao final de cada movimento — algo inovador para a época e único em sua produção sinfônica.

Paulo Sampaio



Assista ao *Falar de Música* da semana.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp

Desde seu primeiro concerto, em 1953, a Osesp tornou-se parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. A cada ano, a Osesp realiza em média 130 concertos para cerca de 150 mil pessoas. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Além da Orquestra, há um coro profissional, grupos de câmara, uma editora de partituras e uma vibrante plataforma educacional. A Osesp já realizou turnês em diversos estados do Brasil e também pela América Latina, pelos Estados Unidos, pela Europa e pela China, apresentando-se em alguns dos mais importantes festivais da música clássica, como o BBC Proms, e em salas de concerto como a Concertgebouw de Amsterdã, a Philharmonie de Berlim e o Carnegie Hall em Nova York. Mantém, desde 2008, o projeto “Osesp Itinerante”, promovendo concertos, oficinas e cursos de apreciação musical pelo interior do estado de São Paulo. Em 2026, a Osesp se torna a primeira orquestra brasileira a gravar pelo selo Deutsche Grammophon. É administrada pela Fundação Osesp desde 2005.



Thierry Fischer
regente

Desde 2020, Thierry Fischer é diretor musical da Osesp, cargo que também assumiu em setembro de 2022 na Orquestra Sinfônica de Castilla y León, na Espanha. De 2009 a junho de 2023, atuou como diretor artístico da Sinfônica de Utah, da qual se tornou diretor artístico emérito. Foi principal regente convidado da Filarmônica de Seul [2017-2020] e regente titular (agora convidado honorário) da Filarmônica de Nagoya [2008-2011]. Já regiu orquestras como a Royal Philharmonic, a Filarmônica de Londres, as Sinfônicas da BBC, de Boston e Cincinnati e a Orchestre de la Suisse Romande. Também esteve à frente de grupos como a Orquestra de Câmara da Europa, a London Sinfonietta e o Ensemble intercontemporain. Thierry Fischer iniciou a carreira como Primeira Flauta em Hamburgo e na Ópera de Zurique. Gravou com a Sinfônica de Utah, pelo selo Hyperion, *Des canyons aux étoiles* [Dos cânions às estrelas], de Olivier Messiaen, selecionado pelo prêmio Gramophone 2023, na categoria orquestral. Na Temporada 2024, embarcou junto a Osesp para a turnê internacional em comemoração aos 70 anos da Orquestra.



Rafael Aguirre
violão

Vencedor do Concurso Tárrega e de outros importantes concursos internacionais, Rafael Aguirre foi eleito membro associado da Royal Academy of Music de Londres (ARAM) em reconhecimento à sua trajetória internacional. Já se apresentou em 49 países e colaborou com regentes como Roberto González-Monjas, Lorenzo Viotti, Karina Canellakis, Alondra de la Parra e Ludovic Morlot. Em 2023, interpretou o *Concerto de Aranjuez*, de Joaquín Rodrigo, no Concertgebouw de Amsterdã, com a Orquestra Sinfônica de Castilla y León, sob a regência de Thierry Fischer. Com repertório de mais de 30 concertos para violão e orquestra, apresentou-se também como solista com a Sinfônica de Tóquio, a Orquestra NCPA da China, a Prague Philharmonia e as Filarmônicas de Monte Carlo, Baden-Baden, Pannon e Vestfália, além das Orquestras Nacionais da Espanha e de Lyon. Ao lado da soprano Fatma Said, gravou o álbum *El Nour* [2020], premiado no BBC Music Magazine Awards, no Gramophone Awards e no Opus Klassik. Recebeu ainda o Prêmio Nacional Cultura Viva, em Madri, e o Pro Musicis, em Nova York. Entre as importantes salas em que se apresentou estão o Carnegie Hall, em Nova York, o Konzerthaus de Viena, a Sala Tchaikovsky, em Moscou, e o Seoul Arts Center, na Coreia do Sul.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp

Diretor Musical e Regente Titular

Thierry Fischer

Violinos

Emmanuele Baldini **spalla**

Davi Graton **spalla convidado para a Temporada 2026**

Yuriy Rakevich **solista – primeiros violinos**

Amanda Martins **solista – segundos violinos**

Leandro Dias **solista – segundos violinos***

Igor Sarudiansky **concertino – primeiros violinos**

Matthew Thorpe **concertino – segundos violinos**

Alexey Chashnikov

Anderson Farinelli

Andreas Uhlemann

Camila Yasuda

Carolina Kliemann

César A. Miranda

Cristian Sandu

Elena Klementieva

Elina Suris

Florian Cristea

Gheorghe Voicu

Guilherme Peres

Irina Kodin

Katia Spássova

Leonardo Bock

Marcio Kim

Michael Machado

Paulo Paschoal

Rodolfo Lota

Soraya Landim

Sung-Eun Cho

Svetlana Tereshkova

Tatiana Vinogradova

Violas

Horácio Schaefer **solista | emérito**

Maria Angélica Cameron **concertino**

Peter Pas **concertino**

André Rodrigues

Andrés Lepage

David Marques Silva

Éderson Fernandes

Galina Rakhimova

Olga Vassilevich

Sarah Pires

Simeon Grinberg

Vladimir Klementiev

Violoncelos

Kim Bak Dinitzen **solista**

Heloisa Meirelles **concertino**

Rodrigo Andrade **concertino**

Adriana Holtz

Bráulio Marques Lima

Douglas Kier

Jin Joo Doh

Maria Luísa Cameron

Marialbi Trisolio

Regina Vasconcellos

Contrabaixos

Ana Valéria Poles **solista | emérita**

Pedro Gadelha **solista**

Marco Delestre **concertino**

Max Ebert Filho **concertino**

Alexandre Rosa

Almir Amarante

Cláudio Torezan

Jefferson Collacico

Ney Carvalho

Flautas

Claudia Nascimento **solista**

Fabíola Alves **flauta | piccolo**

Lincoln Sena

Sávio Araújo

Oboés

Arcadio Minczuk **solista | emérito**

Ricardo Barbosa **solista**

Natan Albuquerque Jr. **oboé |**

corne-inglês

Peter Apps

Clarinetes

Ovanir Buosi **solista**

Sérgio Burgani **solista | emérito**

Nivaldo Orsi **clarinete | clarone**

Daniel Rosas **clarinete | requinta**

Giuliano Rosas

Fagotes

Alexandre Silvério **solista**

José Arion Liñarez **solista**

Romeu Rabelo **fagote |**

contrafagote

Francisco Formiga

Trompas

Luiz Garcia **solista**

André Gonçalves

José Costa Filho

Nikolay Genov

Daniel Filho

Luciano Amaral

Trompetes

Marcos Motta **solista***

Antonio Carlos Lopes Jr.

Marcelo Matos

Trombones

Darcio Gianelli **solista**

Wagner Polistchuk **solista |**

emérito

Alex Tartaglia

Fernando Chipoletti

Trombone baixo

Darrin Coleman Milling **solista**

Tuba

Filipe Queirós **solista**

Tímpanos

Elizabeth Del Grande **solista |**

emérita

Rubén Zúñiga **solista**

Percussão

Ricardo Righini **1ª percussão**

Alfredo Lima

Armando Yamada

Harpa

Liuba Klevtsova **solista**

Convidados da Temporada 2026

Abner Landim **violino**

Monique Cabral **violino**

Sávio Chagas **violino**

Simone Elenciu **violino**

Luis Felipe **viola**

Guilherme Moraes **violoncelo**

Tiago Meira **flauta solista**

Edmilson Gomes **trompete**

Thiago Lamattina **percussão**

Convidados deste programa

Isaque Elias **trompa**

Matheus Mendes **trompete****

Leandro Lui **percussão**

Cecília Moita **piano**

*** Interino**

**** Academista da Osesp**

Os nomes estão relacionados em ordem alfabética, por categoria. Informações sujeitas a alterações.

Governo do Estado de São Paulo

Governador

Tarcísio de Freitas

Vice-governador

Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária de Estado

Marília Marton

Secretário Executivo

Marcelo Henrique de Assis

Subsecretário

Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefia de Gabinete

Vicenzo Carone

Diretora de Difusão, Formação e Leitura

Jenipher Queiroz de Souza

Diretora de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas

Liana Crocco

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Mariana de Souza Rolim

Chefe da Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

Marina Sequetto

Equipe da Diretoria de Difusão, Formação e Leitura

Coordenador de Planejamento de Difusão e Leitura

José Renato Gonçalves

Coordenadora de Planejamento de Formação Cultural

Thais Aparecida da Silva

Assessores das Coordenações de Planejamento de Difusão, Formação e Leitura

Antônio Luis Zerbeto Rocha

Fabiana Cristina dos Santos Rigorfi

Unidades Técnicas Responsáveis

Divisão de Gestão de Difusão e Leitura

Chefe de Divisão:
Marcos Vinícius Carnaval

Divisão de Gestão de Formação Cultural

Chefe de Divisão:
Karina Silva Bernardino

Divisão Técnica de Difusão e Leitura

Chefe de Divisão:
Ana Carolina Florêncio Nogueira

Divisão Técnica de Formação Cultural

Chefe de Divisão:
Thiago Brandão Xavier

Equipe Técnica

Ana Paula de Souza Ferreira
Camila Macedo Cruz Lustosa
Carmem Cristina Pereira da Silva
Ediana Borges Lima
Eloisa Gabriel Barbosa dos Santos
Giane Geraldello Batista do Nascimento
Ingrid Silveira Marques
Jadir Xavier Prates
Jhonatan Henrique da Silva
Jussara Cardoso
Lucia de Angelo Lima
Maura Crostini
Michele Pereira de Medeiros
Miriam Mayumi Nakamura
Sandra Stefanie Amaral Ghirotti
Thaíssa Bispo de Souza
Thayna de Oliveira Mesquita

Fundação Osesp

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Administração

Pedro Pullen Parente **presidente**

Stefano Bridelli **vice-presidente**

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Jackson Scheider

Jefferson Collacico

Luiz Lara

Mario Engler Pinto Junior

Sylvia Coutinho

Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

Comissão de Nomeação

Fernando Henrique Cardoso
presidente

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

Presidente e CEO

Marcelo Lopes

Diretor Jurídico, Financeiro e Administrativo

Fausto Arruda

Diretora de Gestão de Pessoas

Flavia Adrião

Diretora de Comunicação e Marketing

Mariana Stanisci

Superintendente de Planejamento Artístico

Gabriela Martins de Souza

Superintendente Educacional

Rogério Zaghi

Superintendente de Operações

Daniela Viegas Marcondes

Conheça toda a equipe em:

fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre

Próximos concertos

29, 30 E 31 DE OUTUBRO

¡Viva España!

A Osesp – sob a regência de Thierry Fischer e com Kirill Gerstein, ao piano – apresenta obras de Isaac Albéniz, Francisco Coll e Manuel de Falla em um programa que celebra a Espanha.

1 DE NOVEMBRO

Kirill Gerstein – Recital

Reconhecido por seu virtuosismo pianístico, Kirill Gerstein apresenta um recital inteiramente dedicado a Franz Liszt, com obras do compositor que marcaram o repertório para piano, como a *Sonata para piano em Si menor* e *Après une lecture du Dante* [De acordo com uma leitura de Dante]: *Fantasia quasi sonata*.

5 E 6 DE NOVEMBRO

Haydn de perto

Em dois concertos, a Osesp e Thierry Fischer aproximam o público da música de Joseph Haydn, compositor que ajudou a transformar a sinfonia e a definir a formação da orquestra que conhecemos hoje.



Agenda completa
e ingressos.

Primeira vez na Sala? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim.

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).

Acesso à Sala

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento. O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.

No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.

Também é possível acessar a Sala por **trem** e **metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da ViaMobilidade.



Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA
CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS, E
FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

| o | s | e | s | p |

¡Viva España!

**Do flamenco ao modernismo,
retratos de uma Espanha
em música.**



29 OUT QUI 20H
30 OUT SEX 20H
31 OUT SÁB 16H30

Ingressos em
osesp.art.br



Lei Rouanet

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura

**CULT
SP**



**SÃO
PAULO**
GOVERNO
DO ESTADO
POR MEIO DO SECRETARIO
DA
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA
CULTURA



www.osesp.art.br

 @osesp_

 /osesp

 /videososesp

 @osesp

escute a osesp

 spotify

 apple music

 deezer

 amazon music

 idagio

www.salasaopaulo.art.br

 @salasaopaulo_

 /salasaopaulo

 /salasaopaulodigital

 @salasaopaulo

escute as playlists da sala

 apple music

www.fundacao-osesp.art.br

 /company/fundacao-osesp/

Uirapuru – Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP

Periodicidade seriada em fluxo contínuo, com edições dedicadas a cada programa de concerto.

Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**

Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**

Bernardo Cintra **designer**

Silas Oliveira **designer**

Miguel Levi Molina **assistente editorial**

Igor Reis Reyner [colaborador externo] **revisão crítica**

Imagens

P. 4 O compositor Daniel Freiberg. Divulgação

P. 8 *Staffa, a gruta de Fingal*, de Joseph Mallord William Turner [1831–1832]. ©Centro de Arte Britânica de Yale

P. 17 *O assassinato de David Rizzio* [1833], por Sir William Allan. ©Galeria Nacional da Escócia

P. 19 Osesp. ©Mario Daloia

P. 20 Thierry Fischer. ©Marco Borggreve

P. 21 Rafael Aguirre. ©Liz Isles

Ministério da Cultura, Estado de São Paulo,
Fundação Osesp e StoneX apresentam

Harmonia entre emoção e resultado.

Assim como no mercado financeiro,
na música, cada movimento importa.
Na StoneX, ***conectamos você ao mundo
com estratégia e acesso aos mercados.***



PATROCÍNIO



StoneX®

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO
Secretaria da Cultura,
Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA
CULTURA 



O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos de sopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.

Uirapuru @ Comunicação Fundação Osesp, outubro de 2026



Lei Rouanet

| o | s | e | s | p |

Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo



PATROCÍNIO

Deloitte. J.P.Morgan

COPATROCÍNIO

StoneX®



APOIO

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



SÃO PAULO
GOVERNO
DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS
Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA
CULTURA



PRONAC: 254480